

Um chefe de Polícia

Rubem Braga

Li, em uma só noite, esse livro de Carmine Senise "Eu fui chefe da polícia de Mussolini", que a Ipê lançou em uma boa tradução de J. Herculano Pires. É mais um depoimento sobre as intimidades do regime fascista e se não contém nenhuma revelação surpreendente traz ~~algumas interessantes~~ algumas interessantes que nos ajudam a entender melhor o funcionamento da ditadura do Duce.

Procura Senise nos comover apresentando-se, antes de tudo, como um funcionário exemplar, dedicado exclusivamente ao serviço do Estado, sem se preocupar com a ideologia ou o caráter dos detentores eventuais do poder. Afirma ter sempre declarado ao próprio Mussolini que não era fascista nem antifascista, e ter explicado ~~qualitativamente~~ ao seu superior imediato, quando convidado para o lugar de ~~chefe~~ Chefe de Polícia, que ficaria ao lado do Rei no caso - que então parecia muito pouco provável - de que este resolvesse derrubar Mussolini. Não temos motivo para ~~dificilmente~~ dizer que isso é mentira de Senise, mas nos permitimos duvidar de que seja muito exato. O cargo de ~~chefe~~ Chefe de Polícia é ~~um cargo~~ de alta confiança, e em parte alguma do mundo, mesmo nos países de governo mais ~~intimidados~~ distraído, ele foi entregue a ninguém simplesmente por ser um funcionário exemplar.

De um modo ou de outro, Senise, demitido depois de alguns anos, colaborou no golpe que derrubou o Duce, e voltou a ocupar o seu posto sob o governo Badoglio. Foi preso pelos alemães, ~~então~~ esteve dois meses em um campo de concentração e libertado pelas tropas francesas quando já gozava de um regime de internação bastante benigno. O funcionário exemplar teve, afinal de contas, muita sorte, e está hoje aposentado ~~na forma~~ e socegado na forma da lei.

Senise é - Sentimos através desse livro - homem de uma cuidadosa mediocridade, tanto intelectual como sentimental e ~~mas~~ ainda ... moral. Seus contínuos protestos de que fazendo isto ou aquilo estava ~~apenas~~ apenas procurando servir não a fulano nem a sicrano, mas aos interesses gerais do país, não chegam a convencer nem muito menos a comover o leitor.

~~Assim~~ O livro é, portanto, sem qualquer beleza - mas não sem interesse. Ele nos dá alguns detalhes que parecem verídicos sobre o caráter e temperamento de Mussolini, e o mais surpreendente, em homem tão autoritário, era o fato dele ser altamente influenciável. Dá ainda ~~um~~ exemplo de seu profundo desprezo pelos homens, inclusive pelos seus ~~homens~~ auxiliares e fascistas mais graduados. Esse desprezo parece ser um ~~traço~~ traço comum a todos os ditadores, e sua demonstração uma das ~~maiores~~ delícias do ofício. Temos exemplos nacionais disso - não somente da parte de ditadores como de sub-ditadores ...

O proprio Senise nos dá, ~~amímmmmmm~~, talvez sem o querer, a impressão de que o Duce o tratou mais de uma vez com desprezo. Na cena, por exemplo, em que afirma ter dito ^{corajosamente} certas verdades a Mussolini, a impressão que se tem ^{de que} o Duce não lhe ligou a ~~mn~~ mínima importância, e nem sequer se dignou a discutir com ele; limitou-se a demiti-lo. A verdade é que Senise e todos os outros ~~mantimam~~ sentiam-se, (e eram) diante do Duce, uns ~~mahna~~ pobres diabos. Até o momento em que o proprio Duce passou a ser um ridículo pobre diabo. Lembro-me do comentário que ouvi na Italia de mais de um italiano, quando foi publicada a fotografia de Mussolini morto e pendurado pelos pés numa praça de Milão; "parece um porco, parece um capado!" Triste epitafio para um senhor tão cioso de ser viril ...

#